

Farmacologia veterinária: histórico, valores e a importância

Saúde, ciências, medicamentos.

Júlio Maria Ribeiro Pupa

Julio.pupa@allnutri.com.br

A história da farmacologia é marcada por descobertas significativas e avanços que moldaram a medicina moderna. Desde o uso de plantas medicinais até a síntese de novos fármacos, a farmacologia continua a desempenhar um papel crucial na saúde pública e na medicina. A compreensão de sua história é fundamental para apreciar os avanços atuais e futuros na área da saúde.

Tudo começa na farmacologia pré-histórica onde a função de médico e sacerdote cabia ao feiticeiro. O homem utilizava medidas terapêuticas rudimentares, tais como sucção e lambida nos ferimentos, como fazem os animais. Na febre utilizavam a água fria e para os calafrios aqueciam com o calor do fogo.

Um dos mais antigos documentos “Asiáticos” existentes sobre terapêutica, o código de Hamurabi (1956 a.C.), relaciona o uso de mais de 250 ervas e 120 substâncias minerais, entre elas a beladona, o óleo de rícino e a papoula.

Na farmacologia “Egípcia” o papiro de Ebers (1550 a.C.) menciona 700 drogas diferentes e rudimentares de Medicina Veterinária. A exemplo a papaverina para cólicas intestinais, substância extraída da papoula.

Considerado o “pai da farmácia” o médico grego dos exércitos de Nero, Dioscórides (séculos III a.C.),



Nutri·Time

Revista Eletrônica

Vol. 23, Nº 03, maio/jun de 2026

ISSN: 1983-9006

www.nutritime.com.br

A Nutritime Revista Eletrônica é uma publicação bimestral da Nutritime Ltda. Com o objetivo de divulgar revisões de literatura, artigos técnicos e científicos bem como resultados de pesquisa nas áreas de Ciência Animal, através do endereço eletrônico: <http://www.nutritime.com.br>. Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

deixou uma obra onde estão descritas cerca de 600 plantas medicinais.

Hipócrates (460 a.C. – 377 a.C.) na “Grécia”, utilizava métodos terapêuticos racionais; por esta razão, ficou conhecido como o “Pai da Medicina”. Mais tarde, surgiu Galeno (201 a 131 a.C.): nascido em Pérgamo, capital da Mísia na Ásia Menor, é considerado o “pai da Fisiologia Experimental”, com o sistema de polifarmácia, onde administrava aos pacientes combinações de 30 a 60 extratos de plantas juntas, chegou a escrever cerca de 400 tratados sobre Medicina, preconizando o uso de extratos de plantas e outros produtos naturais

Provavelmente, Mitridates VI, Eupator ou O Grande, rei do Ponto (antiga região asiática, situada a nordeste da Ásia Menor), que viveu entre 123 e 63 a.C., foi o primeiro farmacólogo experimental. Temendo ser envenenado, Mitridates VI propôs-se a estudar as substâncias nocivas, visando proteger-se contra todos os possíveis “venenos”. Mediante a ingestão de doses progressivamente maiores destas substâncias, procurava criar no organismo imunidade contra seus efeitos nocivos; estes experimentos foram, inicialmente, realizados em seus escravos. Daí a origem do termo mitridatismo, referindo-se à imunidade contra “venenos” obtida mediante a exposição de pequenas doses deles, que são gradativamente aumentadas. As observações do rei do Ponto deram origem a uma receita com deze-

nas de ingredientes, na tentativa de obter um poderoso antídoto contra todos os venenos. Com o passar do tempo, estes ingredientes foram alterados, mas eram quase todos desprovidos de efeitos terapêuticos.

Algumas das personalidades que contribuíram também para o desenvolvimento da Farmacologia foram Avicena (980-1037), filósofo e médico árabe, que introduziu o uso da cânfora e da noz vômica, Paracelso (1493-1541) alquimista e médico suíço, foi o primeiro a combater o galenismo (*), ou seja, introduziu novos medicamentos e defendeu o uso de poucos ingredientes nas suas formulações.

*Lembrando que o sistema do médico grego Galeno (Nicon de Pérgamo, 201 a 131 a.C.), baseado na teoria dos quatro humores hipocráticos (sangue, fleuma, bile amarela e bile negra).

Foi em meados do século XIX que a Farmacologia alcançou um grande avanço, possivelmente em consequência da evolução de outras áreas afins de conhecimento, como Fisiologia, Bioquímica, Patologia, Psicologia entre outras.

Os nativos “Africanos” contribuíram muito para farmacologia e terapêutica modernas, com a utilização do curare e do estrofantó um cardiotônico e diurético.

A farmacologia “Indígena Brasileira” além do curare, nossos índios utilizavam a ipecacuanha, jaborandi, bálsamo de tólu, entre tantas outras.

Os “Ingleses” através do “Sir James Gregory”, criador da Alopátia, sistema de tratamento que perdura até os nossos dias, diferente do que usavam na época, que consistia num tratamento heroico no qual se administrava ao paciente purgantes, vomitivos e se fazia sangria intensa, onde geralmente o indivíduo morria de colapso, porém “morria curado”.

Na “Alemanha” contra Alopátia é implementada uma nova terapia, a Homeopatia, criada pelo médico alemão, Samuel Hahnemann (1755-1843), que consiste num sistema terapêutico que considera que “os semelhantes curam se com semelhantes”. A base do tratamento consiste na aplicação de subs-

tâncias que produzem aos indivíduos sãos, quando administradas, os mesmos sintomas das enfermidades; Simillia Similibus Curantur. Em outras palavras, as drogas se potencializam com a diluição, algumas soluções não conteriam mais do que uma molécula.

François Magendie (1783-1855) foi o francês que introduziu o conceito de investigação sistemática da ação da droga, trabalhando com a estriçnina.

Temos o início da Farmacologia Contemporânea científica e racional com Wiliam Withering, introduzindo o uso da digitalina, François Magendie estudou o local de ação da Estriçnina, Claude Bernard o local de ação do Curare, Wiliam T. Morton demonstrou em praça pública os efeitos do Éter, Paul Ehrlich foi o fundador da quimioterapia moderna, Jacob Abel estudou a Adrenalina, Alexandre Fleming descobriu a penicilina e Gerhard Domag introduziu a sulfanilamida na terapêutica.

E assim muitos outros ao longo dos anos vem contribuindo com suas pesquisas e aplicações na farmacologia.

Breves fatos históricos da farmacopeia brasileira

O Brasil, enquanto domínio português, utilizava como código farmacêutico oficial a Farmacopeia Geral do Reino e Domínios, publicada no ano de 1794, e reimpressa em 1824. Em 1837 o Codex Medicamentarius francês também passou a ser aceito no Brasil. Em 29 de setembro de 1851, o Decreto 828 estabeleceu o Codex Medicamentarius francês como compêndio oficial do Brasil, além do reconhecimento da Farmacopeia Portuguesa. Em 19 de janeiro de 1882, o Decreto 8.387, e em 31 de dezembro de 1923, o Decreto 16.300 reafirmaram a primazia e oficialidade da Farmacopeia Francesa. A 1ª edição da Farmacopeia Brasileira foi aprovada em 04 de novembro de 1926, pelo Decreto 17.509. Essa 1ª edição foi atualizada em 1943 - 1º suplemento - (Portaria nº 42, de 2 de março), em 1945 - 2º suplemento - (Portarias nº 24, de 14 de abril) e em 1950 - 3º suplemento - (Portaria nº 39, de 13 de junho). A 2ª edição da Farmacopeia Brasileira foi aprovada em 1955 (Decreto 37.843, de 01 de setembro), e contou com atualizações e modificações em 1959 (Decreto 45.502, de 27 de

fevereiro), havendo neste momento a separação das formulações medicamentosas da Farmacopeia, surgindo o Formulário Nacional. A 3ª edição da Farmacopeia Brasileira foi aprovada em 1976 (Decreto 78.840, de 25 de novembro). A 4ª edição da Farmacopeia Brasileira (Parte I) foi aprovada em 1988 (Decreto 96.607, de 30 de agosto). A Parte II foi publicada em fascículos nos anos de 1996 (primeiro), 2000 (segundo), 2002 (terceiro), 2003 (quarto), 2004 (quinto) e 2005 (sexto). A 5ª edição da Farmacopeia Brasileira foi aprovada em 2010 (Resolução da Diretoria Colegiada – RDC 49, de 23 de novembro). Em 2012 foi aprovada a 1ª errata (RDC 18, de 23 de março). A 5ª edição foi ainda complementada pelo 1º Suplemento em 2016 (RDC 59/2016 e RDC 101/2016) e pelo 2º Suplemento em 2017 (RDC 167/2017). Sem maiores minúcias, temos aqui uma breve recapitulação temporal da evolução deste Compêndio Nacional. (SOUSA, VARLEY DIAS, Presidente do CDFB).

Farmacologia Veterinária no século XXI

Sendo uma das mais modernas das ciências médicas básicas a farmacologia, possui, estreita relação com as outras ciências básicas nascidas antes dela, que foram; a fisiologia, pois é imprescindível conhecer a função dos órgãos para avaliar os efeitos causados pelos fármacos; a bioquímica para entender o mecanismo de ação das drogas e seus efeitos sobre os sistemas enzimáticos; a patologia a qual é necessária para conhecer o mecanismo das enfermidades, para tratá-las com os medicamentos; a microbiologia para melhor compreender o estudo dos quimioterápicos; a psicologia experimental analisando os efeitos dos psicotrópicos em animais de laboratório.

São extensas as relações com outras áreas das ciências como a endocrinologia, micologia, parasitologia, fitoquímica, fisiopatologia e psicobiologia.

Portanto, a farmacologia com suas raízes profundas é extremamente útil ao “Veterinário” que fará uso do conhecimento independente de qual seja a sua especialização. Porém, a terapêutica, esta sim, interessa exclusivamente ao veterinário clínico.

Conseqüentemente a farmacologia veterinária é a

disciplina que cuida do estudo de medicamentos usados no tratamento e prevenção de doenças em animais. Assim sendo, abrange o estudo dos efeitos dos medicamentos nos animais, sua farmacocinética (absorção, distribuição, metabolismo e eliminação) e sua eficácia e segurança

Portanto, a farmacologia fornece as bases para o desenvolvimento de uma terapia científica e racional, diferenciando o verdadeiro profissional.

REFERÊNCIAS

- MAGALHÃES, H. M., BOELTER, R., DA SILVA, A. R. Elementos de Farmacologia Veterinária, 3ª ed. Porto Alegre, Sulina, 1985.
- SOUSA, VARLEY DIAS. Farmacopeia Brasileira, 6ª Ed. Vol. 1, Brasília, 2019. Presidente do CDFB. Disponível em: < <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/farmacopeia/farmacopeia-brasileira/volume-1-fb6.pdf>. Acessado em 20 de fevereiro de 2026.
- SPINOSA, HELENICE DE SOUZA, GÓRNIK, SILVANA LIMA BERNARDI, MARIA MARTHA. Farmacologia aplicada à medicina veterinária. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.